

Tio G.

Chamei-lhe G. para simplificar este título. O meu tio Getúlio foi assim crismado porque o meu avô materno emigrou para o Brasil em 1906 e conheceu vários governos de Getúlio Vargas. Vargas que andou da direita para a esquerda, o mesmo que Simone cantou, porque ele se matou - oficialmente - com um tiro no coração. Vargas, Getúlio Dornelles, sabias, ou será que vês dos altos céus?, - que hoje o teu nome existe pelo Brasil em profusão, em especial sabias que és uma tremenda avenida do Rio? Tal como Pombal é uma praça, outros são escolas, maternidades, hospitais... Será isso ficar na História? Getúlio, nome que enche a boca quando se pronuncia. Foi um alcoólico marimbante na vida desde muito novo. Há quem situe o seu começo no vinho aos 15 anos, pode ter sido mais cedo, não se sabe. G., não queria sequer estudar, no fundo achava que o esforço custa e não vale a pena. Não queria viver, mas não tinha vontade (seria medo?) de se matar. Foi estando por Vila Real, bebedeira uma, outra e outra, era a droga da juventude do seu tempo. Pequeno génio musical, o meu tio Getúlio era também um pequeno Sócrates; o mistério de Sócrates deve ter sido o mesmo que foi o de Getúlio: estava cónscio da inutilidade da maioria das nossas acções, ria-se dos esforços dos outros no sentido de terem poder, de que a História os registasse. Sabia que tudo isso não lhe interessava. Por isso, às vezes interrogava os outros, sobre as verdades da vida e os mistérios da morte, o casamento, a felicidade que os filhos nos dão. Tinha uma ironia fina este Sócrates, devoto fundamentalista de Baco. Nunca trabalhou, no sentido comum do termo. Mas passou pela vida sem precisar de trabalhar, apercebeu-se de que haveria sempre quem não o deixaria cair na valeta. (Primeiro a mãe, minha avó, depois a minha mãe, sua irmã, trataram disso). Ainda deu para correr um bocado de mundo. Viveu em Angola. As histórias absurdas de que se lembrava! Esteve em Moscovo, nos Jogos Olímpicos, foi a Roma, a Londres, conhecia bem a Espanha, foi também ao Brasil. Uma vez no Huambo, depois Nova Lisboa, novamente Huambo, ouviu gritos. Perguntou: eram "voluntários" para S. Tomé. Já depois de ele ter morrido, disseram-me que vem daí a expressão "voluntário da corda". Tenho conhecido tantos destes voluntários, prontos a servir quem, o que, o quê, tudo que precisar de voluntariado. Getúlio, alheado por vontade de intrigas e poder, terá sido das pessoas mais puras que conheci. Não era um Santo, mas ele próprio dizia que Santos só tinha visto de madeira, nas igrejas. Costumava arrancar máximas, algumas brutais. Leitor assíduo, estimava em particular Jorge Amado, esse vulto da língua portuguesa que nunca foi nobel porque nestas coisas falamos de opiniões. Getúlio morreu uma noite, já um ano depois de lhe terem tirado o pâncreas. Poderia ter continuado vivo, mas não queria viver, já o disse. Numa caricatura final à vida, à morte, às pessoas importantes, terá morrido devido ao seu estado de embriaguez, madrugada fora, com um pedaço de comida que não engoliu e o asfixiou. É um facto que deixou respeito, inveja, sentimentos de medo, gente que o amou. Não foi exemplo para a juventude, familiares, para colegas, amigos, conhecidos, mas todos os que o conheceram reconhecem (mesmo em segredo) que a sua conduta os inquietava e deixava perplexos: e se ele, afinal, fosse quem tinha razão?